Moeda de Sola

Alguns Apontamentos para a Sua História

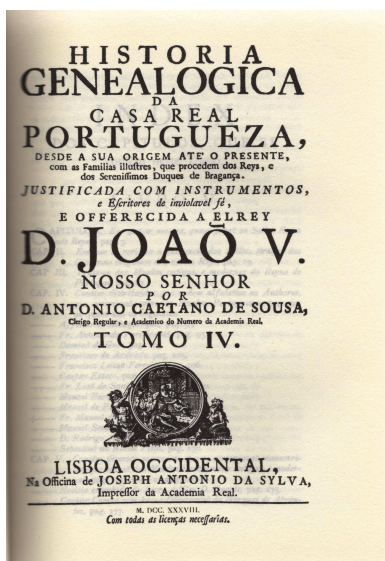
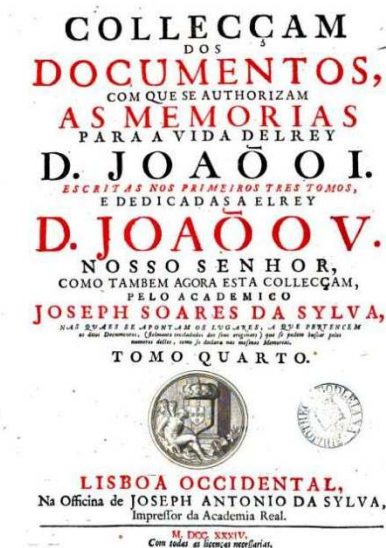
Em Portugal, é frequente ouvir dizer que antigamente corriam moedas em sola, feitas em época de crise, e como neste rectângulo à beira mar plantado, as crises abundam, na memória do povo ficou gravado um período em que correu moeda de sola. Mas se os períodos de crise são uma realidade histórica, já o mesmo se não pode afirmar sobre a feitura de tão interessantes peças.

COLLECÇAM
DOS
DOCUMENTOS,
COM QUE SE AUTHORIZAM
AS MEMORIAS
PARA A VIDA DELREY
D. JOAÕ O I.
ESCRITAS NOS PRIMEIROS TRES TOMOS,
E DEDICADAS A ELREY
D. JOAÕ O V.
NOSSO SENHOR,
COMO TAMBEM AGORA ESTA COLLECÇAM,
PELO ACADEMICO
JOSEPH SOARES DA SYLVA,
TOMO QUARTO.
LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impressor da Academia Real.
M. DCC. XXXIV.
Com todas as licenças necessarias.

Assim a primeira referência escrita sobre as ditas moedas aparece na obra de José Soares da Silva, "Memórias para a história de Portugal que comprehendem o governo del rey D. João o I : do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até o anno de mil e quatrocentos e trinta e tres", Tomo I, publicada em 1730, *"há memória antiga que affirma que no sitio de Lisboa, consumida a moeda que havia e faltando-lhes os metaes de que fabricar outra, ElRey a mandou fazer de sola, e ninguem duvidava acceitalla, eenfim correra, até que depois elle mesmo a fizera reduzir a moeda corrente de ouro, prata e cobre."*

Daqui se depreende que a lenda da moeda de sola, já deverá ser anterior ao século XVIII, mas posterior ao princípio do século XV, pois os nossos cronistas, e especialmente Fernão Lopes, não fazem a menor alusão a tal peça, e o nosso "primeiro historiador", ainda que a escrever a uma distância de quase meio século, descreve com uma minúcia quase teatral os factos do cerco de Lisboa, que por certo não deixaria escapar a oportunidade de relatar um facto tão inédito em Portugal.

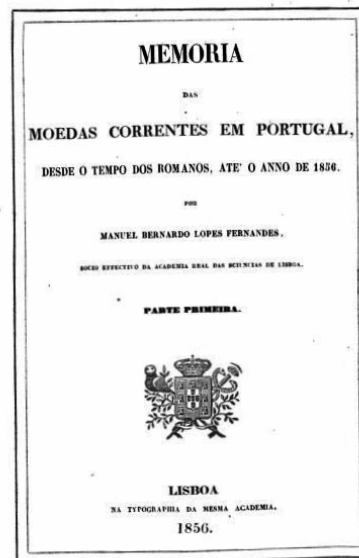
HISTORIA
GENEALOGICA
DA
CASA REAL
PORTUGUEZA,
DESDE A SUA ORIGEM ATE' O PRESENTE,
com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Sereníssimos Duques de Bragança.
JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS,
e Escritores de inviolavel fé,
E OFFERECIDA A ELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR
POR
D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,
Clerigo Regular, e Academico do Numero da Academia Real.
TOMO IV.
LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impressor da Academia Real.
M. DCC. XXXVIII.
Com todas as licenças necessarias.

Oito anos mais tarde, em 1738, o Padre D. António Caetano de Sousa, na sua Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa, Tomo IV, diz-nos (quem escreveu o capitulo foi D. Francisco de Meneses) sobre o assunto "… *havendo Author verdadeiro, que diz, que ElRey D. Joaõ I. no sitio de Lisboa fez, que corresse Moeda de sola, e em outros Reynos vimos nos nossos tempos, que corriaõ os escritos de Banco, e acções de Companhias, a que póde chamarse Moeda de papel: e chamamos barbaras às Nações, em que os velórios, as roupas, e os novellos de algodaõ servem de Moeda; como se depois, que no Mundo a necessidade do commercio, e a vaidade do luxo mudou o Direito natural da permutaçaõ, tivessem mayor privilegio os metaes escondidos na terra, que os géneros, de que as Nações necessitavaõ, ou a que davaõ huma estimaçaõ, que sempre he arbitraria….*", e visto por este prisma, poderia mesmo ser plausível a

feitura de tal espécime.

Em 1856, de novo se escreve sobre a moeda de sola, mas agora é um numismata, Manuel Bernardo Lopes Fernandes, na sua "Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos…", *"… Na mesma Ordenação do Sr. D. Affonso V, Liv. IV, Tit. 69, § 1º, se acha a Lei do Sr. D. João I, datada de Montemor-o-Novo, de 15 de Dezembro do anno de 1426, mandando que ninguém regeitasse moeda alguma sua, salvo se por evidente experiência se mostrar que é feita de ferro, ou de peltre, ou d'outro desvairado metal, de que se não costuma fazer moeda nestes reinos.*

MEMORIA
DAS
MOEDAS CORRENTES EM PORTUGAL,
DESDE O TEMPO DOS ROMANOS, ATE' O ANNO DE 1856.
POR
MANUEL BERNARDO LOPES FERNANDES,
SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.
PARTE PRIMEIRA.
LISBOA
NA TYPOGRAPHIA DA MESMA ACADEMIA.
1856.

Por esta Ordenação julgam muitos dos nossos escriptores que o Sr. D. João I nunca lavrou as moedas obsidionaes de sola, como consta da tradição popular. Nenhum documento trata dessa moeda, e se as tivesse lavrado, o historiador Fernão Lopes as descreveria." Mas em nota de rodapé na 2ª edição do Elucidário de Viterbo afirma: *"Não sei se D. João I fabricou moedas de sola; não há disto nenhum documento exacto ate agora. Contudo, para o negar abertamente como impossível, só porque taes moedas não apparecem, nem memorias da sua existência nos archivos públicos e particulares, teríamos que incorrer em absurdo. Quantas leis de moedas nos faltam, porque se perderam? Quantas moedas de ouro, prata e cobre são hoje apenas conhecidas pelos nomes? Os Carthaginezes tiveram effectivamente moedas de couro, como é expresso em César nos Comment., lib. V, cap. IV. E por isso é melhor confessar que se não sabe, do que affirmar positivamente como facto o que não podemos saber."* E assim a opinião deste sábio passou a… não ter opinião.

Em 1861 apareceu nos escaparates das livrarias um romance histórico de Arnaldo Gama, com o titulo "Um motim ha cem annos: chronica portuense do seculo XVIII", com interesse para este artigo, no que concerne não a uma verdade histórica mas no enraizamento da crença popular. Conta na introdução ao romance, em tons jocosos, a colecção de um "antiquário", Gonçalo Antunes, onde pontuam desde *"pergaminhos e em historias em gothico"* até ao *"craneo e o fémur direito d'um alentado rafeiro, que acompanhou Vasco da Gama na descoberta da Índia"*. Mas o que agora nos interessa é a descrição d' *"O medalheiro é um prodígio. Possue batalhoens e batalhoens de moedas de todas as qualidades, de todas as naçoens e de todas as épocas, desde Adão até nós. Possue até o único espécimen que existe, segundo elle diz, da famosa moeda de sóla, cuja existência tem sido redondamente negada por escribleros ignorantes e audaciosos. O sobredito espécimen é um bocado de coiro carcomido e com certos vestígios de impressão, que são, na opinião d'elle, os signaes do lemma e do emblema da moeda. Dizendo isto, creio ter dito tudo para que o leitor dê o apreço devido a tão rico e copioso medalheiro…"*. Mesmo com ironia se vê o interesse que tal assunto suscitava no século da arqueologia, onde pontificavam os museus particulares, tão caros aos burgueses, mas onde até ao século XX a tão famigerada moeda não apareceu.

UM MOTIM HA CEM ANNOS:
CHRONICA PORTUENSE DO SECULO XVIII,
POR
ARNALDO GAMA.
PORTO:
Typographia do Commercio
Ferraria de Baixo n.º 106.
1861

Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu "Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram", 2ª edição, de 1865 (pois a 1ª edição foi de 1798), também reafirma a não existência de tal peça, dando como razões *"não sendo de presumir, e menos de crer, fosse adoptado no uso civil, e corresse no povo sem decreto, ou alvará de quem tinha o governo, a regência, e a defensão de todo o reino…"* Assim como mais cinco ou seis outras razões igualmente válidas.

ELUCIDARIO
DAS
PALAVRAS, TERMOS E FRASES
QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USARAM
E QUE HOJE REGULARMENTE SE IGNORAM:
OBRA INDISPENSAVEL PARA ENTENDER SEM ERRO
OS DOCUMENTOS MAIS RAROS E PRECIOSOS QUE ENTRE NÓS SE CONSERVAM.
PUBLICADO EM BENEFICIO DA LITTERATURA PORTUGUEZA
POR
FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO,
RELIGIOSO FRANCISCANO OBSERVANTE DA PROVINCIA DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO DE PORTUGAL
E CORRESPONDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.
SEGUNDA EDIÇÃO
Revista, correcta, e copiosamente addicionada de novos vocabulos, observações e notas criticas, com um indice remissivo.
TOMO PRIMEIRO.
A-F.
LISBOA
Em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, 132—134.
MCCCLXV.

No último quartel do século XIX, mais concretamente em 1875, saiu do prelo a mais magistral obra sobre a numismática portuguesa, "Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal", escrita por A. C. Teixeira de Aragão, e passados 133 anos da sua publicação ainda se mantém tão actual e tão indispensável. E sobre o assunto nada melhor do que deixar o Mestre explicar: "… *Neste reinado a moeda foi de tão ínfima qualidade, em relação ao valor decretado, que posteriormente chegaram a dizer haver sido fabricada de sola durante o cerco de Lisboa em 1384, esta lenda monetária ainda foi afirmada no século passado por dois escritores notáveis[6].*

Fernão Lopes, que se pode considerar contemporâneo, descrevendo as moedas do Mestre de Avis não deixaria de mencionar esta importante circunstancia, se tivesse existido, e muito mais que no seu tempo os exemplares deviam ser em abundância. Viterbo escreveu um longo artigo demonstrando a inexactidão do facto, estribando-se principalmente na falta de documento[7].

A João de França (1350 a 1364) atribuiu Comines também o fabrico da moeda de sola, fábula que depois vários autores desmentiram com os melhores fundamentos.

Nenhuma das pessoas que nos têm afirmado existirem moedas de sola nos pode mostrar um único exemplar, havendo por vezes encontrado umas pequenas rodelas de sola, mais ou menos grossa, com um timbre impresso, parecendo-nos marcas ou amostras de fábricas; algumas têm legendas, que raras vezes se podem decifrar, mas o feitio de letra é do século XVI. Lembra-nos de que o exemplar mais curioso que temos visto, pertence a Mr. Heiss, e do qual conservamos o desenho, diz de um lado:

+RCCHIS…DEVPATORIO. *No campo,* T.

R. No campo de vária ornamentação uma cruz muito parecida à de Avis, e também semelhante à que se observa nos doubles parisis do rei João de França[1]."

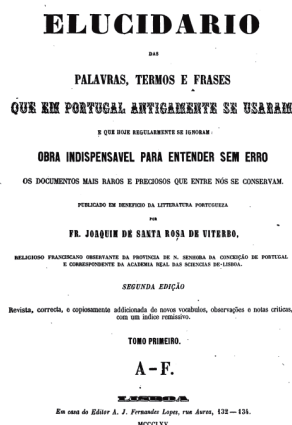
Notas

[6] Joseph Soares da Silva, Mem. para a hist. de D. João I, tom. I, pág. 198; e D. Francisco de Meneses, conde da Ericeira, na Hist. gen., tom. IV, pág. 419.

[7] Elucidário, tom. II, sup., pág. 50, nota.

[1] Le Blanc, Traité hist. dês monn. de France, est. a pág. 258, B.

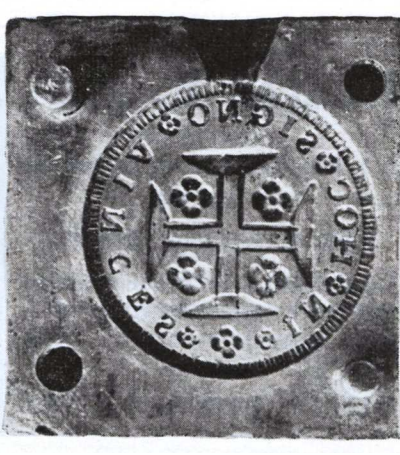
E se porventura ainda subsistisse alguma réstia de dúvida, sobre a existência da moeda de sola de D. João I, Teixeira de Aragão ao ser tão peremptório na sua afirmação desfez as duvidas e remeteu a dita para o capítulo das lendas de Portugal.

Já no século XX, Pedro Batalha Reis na sua "Cartilha da Numismática Portuguesa", de 1952, ao tratar das moedas obsidionais informa-nos: "*Convem neste passo recordar a alusão que alguns escritores antigos século XVIII (v. g. José Soares da Silva na Memória para a Hist. de D. João I e D. Francisco de Menezes, Conde da Ericeira na Hist. Gen. vol. IV) fazem à existência de moedas de sola fabricadas durante o cerco de Lisboa em 1383. Todavia, ainda que não fosse impossível ter*

acontecido, a verdade é que além de se não conhecer exemplar algum, não existe também a mais ligeira referência nos cronistas do tempo que tão miudamente relatam os sucessos dessa época. Por isso que até prova em contrário se deve ter em remissa como fantasia de Soares da Silva a afirmação da existência de moedas de sola em Portugal.

As senhas que muito posteriormente se fizeram de sola podem ter alimentado a crença popular, tanto mais que algumas há circulares e de difícil leitura para os leigos, que assim as tomariam por aquelas moedas, como nós próprios o podemos testemunhar pelo exame dessas senhas particulares que já nos trouxeram como as antigas "moedas de sola"."

Assim com a explicação deste Mestre, poderíamos encerrar definitivamente este assunto, pois moedas em sola com a Cruz de Avis sobre o escudo de Portugal, relatadas pela primeira vez quase 350 anos depois de terem sido "cunhadas" e que passados mais 250 anos, teimosamente, continuavam no rol das "nunca vistas", iriam sem apelo nem agravo para o capítulo da lenda.

Mas, e há sempre um mas em qualquer história, já no século XXI eis que no "nosso" Fórum de Numismática apareceu um Cruzado Novo em sola. Bom, aí a discussão sobre a existência de moedas de sola reacendeu-se e o amigo José Matos (Alfonsvs) perguntou "*Este exemplar do século XIX que estórias poderá contar?"*

Não tínhamos uma moeda de sola com a Cruz de Avis, mas tínhamos uma com a Cruz de Cristo e lá começámos à procura. Confessamos a desistência rápida da investigação, pois a única menção era o aparecimento em leilões mas mais áridos que as nossas lucubrações. Mas como andamos às voltas com o nosso Catálogo, vamos remexendo no fundo das nossas gavetas, procurando livros, revistas e catálogos, a maior parte já não mexidos quase à um quarto de século. E eis que ao desfolhar a colecção d' "A Permuta" deparamo-nos com uma notícia já nossa conhecida, pois o nosso catálogo contempla as moedas falsas, mas com um pormenor assaz curioso, falava também em moedas de sola.

Mas o melhor é mesmo passar a transcrever o que nos diz A. Pinto de Sousa no artigo "Um Molde para Moeda Falsa", publicado n' "A Permuta" nº 6 de Julho de 1956, da Sociedade Portuguesa de Numismática: "*…há tempos, ter chegado ao nosso*

conhecimento a existência…de uns cunhos do cruzado…e não descansámos enquanto não satisfizemos a nossa curiosidade … de os ver.

Satisfeita a nossa aspiração, verificámos tratar-se de um molde, salvo erro em bronze, para a fundição do vulgar cruzado de D. Maria II de 1834, e não os cunhos, como o seu possuidor julgava.

Depois de nos ter sido oferecido um disco de sola, que, com o auxilio de uma prensa, tinha sido submetido à pressão do molde – neste caso o molde fez de cunho – onde ficou perfeitamente marcado o anverso e o reverso[(1)]*, fomos autorizados a fazer a fotografia que reproduzimos nesta gravura.*

Nota

[(1)] *Além da curiosidade, serve para "reinar" com aqueles que ainda teimam terem visto, no pé de meia dos seus avós, moedas feitas em sola."*

E assim se resume o que sabemos e o que não sabemos sobre a famigerada moeda de sola:

- As moedas em sola, do reinado de D. João I, ou de qualquer outro rei português, não existem.
- Aparecem por vezes senhas em sola, que pessoas menos avisadas as tomam por moedas.
- Existe um cruzado novo de D. Maria II, com data de 1834, feito com um molde, achado em Trás-os-Montes?, utilizado para fazer fundições de cruzados falsos. Este exemplar em sola foi feito nos anos 50 do século XX, como uma curiosidade.

A bem da Numismática

Vítor Almeida

Bibliografia

Titulo	Autor	Data
Memorias para a historia de Portugal, que comprehendem o governo delrei D. João o I, do anno de mil e trezentos e oitenta e tres, até ao anno de mil quatrocentos e trinta e tres…	Silva, José Soares da	Tomo I 1730
Historia Genealógica da Casa Real Portuguesa	Sousa, António Caetano	Tomo IV 3ª Edição - 2007
Memoria das moedas correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos	Fernandes, Manuel Bernardo Lopes	1856
Um motim ha cem annos: chronica portuense do seculo XVIII	Gama, Arnaldo	1861
Elucidario das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram	Viterbo, Joaquim de Santa Rosa	2ª Edição - 1865
Descrição Geral e Histórica das Moedas Cunhadas em Nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal	Aragão, A. C. Teixeira	2ª Edição - 1964
Cartilha da Numismática Portuguesa	Reis, Pedro Batalha	1952
Um Molde para Moeda Falsa	Sousa, A. Pinto	A Permuta nº 6 de Julho de 1956, da Sociedade Portuguesa de Numismática